

# personagem

EMPRESÁRIA DE COMUNICAÇÃO, KIKA GAMA LOBO FALA COMO UM CÂNCER NO ENDOMÉTRIO MUDOU SUA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL

## “A informação me fez ficar mais serena”

A jornalista, empresária e *youtuber* carioca Kika Gama Lobo, 54 anos, já fazia tratamento hormonal contra alguns miomas – tumores benignos no útero – quando, em 2012, decidiu, em acordo com seu ginecologista, retirar o órgão. “Eu tinha duas filhas adolescentes e não precisava ficar passando aquele desconforto, porque não queria engravidar mais”, lembra ela, que, na época, era dona de uma prestigiada assessoria de imprensa do Rio de Janeiro, que atendia, sobretudo, clientes da área da moda. A cirurgia foi feita perto do carnaval, sem necessidade de abrir o abdômen. Todo o procedimento foi bem-sucedido e contou também com um pós-operatório perfeito. Mas uma surpresa viraria sua vida de cabeça para baixo.

Como é de praxe, o órgão foi para biópsia. Algum tempo depois, quando já estava em plena atividade profissional, Kika recebeu uma ligação de seu médico. “Estranhei, porque quando ele me ligou, eu tinha uma viagem de negócios para São Paulo, e ele pediu que desmarcasse. Fui ao seu encontro e nunca me esqueço dele falando que eu era uma

mulher forte. A notícia era que eu estava com câncer”, recorda.

Kika estava com câncer no endométrio, não muito comum para uma mulher de 47 anos (a doença é mais frequente após a menopausa). “Costumo falar que não percebi nenhum sintoma, porque o principal sinal é o sangramento. Isso em mim ficou um pouco mascarado, por causa dos miomas. Não sabia se estava com um volume muito intenso de menstruação ou se aquilo era uma patologia”, diz. Assim, outra saga começou: primeiro, o susto; depois, o tratamento. “Como sou uma pessoa voltada para a informação, queria saber de tudo e cheguei a perguntar para o médico quando iria morrer. Ele falou que não tinha a menor ideia e que ainda restava cumprir todo um protocolo.”

O próximo passo foi uma nova operação, mas como Kika já havia levado 260 pontos internos, só pôde entrar novamente no centro cirúrgico um mês e meio depois. “Quando soube da notícia, contei para cinco pessoas: dois amigos, meu marido, minha sócia e minha mãe. Estava muito complicado ficar

com aquilo [o câncer] e ainda esperar aquele tempo todo”, desabafa.

Na segunda cirurgia, a jornalista retirou trompas, ovários e linfonodos e entrou em menopausa severa, o que piorou seu estado emocional. “Posso falar que disso não me recuperei até hoje. É um luto corporal. Passei a ter insônia, calores terríveis que me faziam suar a ponto de ter que trocar o lençol durante a noite, secura vaginal, melancolia e vontade de matar qualquer cristão que chegasse perto de mim”, lembra, com bom humor.

Na sequência, Kika foi submetida a oito sessões de braquiterapia, tipo de radioterapia em que se coloca a fonte de radiação dentro ou junto da área a ser tratada. “Eu ficava em uma sala sozinha, nua, em posição ginecológica, com um cilindro dentro da vagina, ligado a um robô, de onde era emitida a radiação. Usava colete de chumbo e havia um ponto eletrônico, pelo qual eu podia me comunicar com quem operava a máquina. Em uma das sessões, lembro que comecei a chorar, mas tinha que ficar imóvel, porque com qualquer movimento o aparelho poderia se desviar do alvo e queimar o que não deveria”, relata.

Ao fim desse ciclo, começaram as revisões médicas: no primeiro ano, a cada três meses; depois, semestralmente, até as visitas se tornarem anuais.

## VIDA NOVA

Kika ressalta que o pragmatismo foi fundamental para suportar os momentos difíceis. “Minha relação com a doença foi de respeito: eu procurava os médicos, pesquisava o que poderia fazer para melhorar. Tornei-me uma espécie de médica amadora. A informação me fez ficar mais serena”, diz.

Nesse período, outros desafios apareceram na vida da jornalista. “Um pouco depois do câncer, veio a separação, após 24 anos de casamento. Lembro que quando falei da doença para o pai das minhas filhas, ele disse que ficaria tudo bem e foi jogar tênis. Esperava tudo: uma flor, um abraço ou até uma mentira, mas não aquela reação. Sei de muitas pessoas que são





Kika Gama Lobo e Leilane Neubarth  
no canal #Atitude50: feminilidade com bom humor

“Minharelação com a doença foi de respeito: eu procurava os médicos, pesquisava o que poderia fazer para melhorar. Tornei-me uma espécie de médica amadora”

abandonadas durante o câncer. É uma sensação terrível”, lamenta.

Às vésperas da Olimpíada de 2016, o Rio de Janeiro vivia um momento de grande valorização de imóveis. Kika e as filhas, que moravam em um apartamento de 400 metros quadrados no Leme, bairro nobre, tiveram que se mudar quando o proprietário praticamente quadruplicou o valor do aluguel. Durante seis meses, ficaram num apartamento da família, de 100 m<sup>2</sup>, que estava no meio de uma batalha judicial. Por fim, se acomodaram num quarto de 25 m<sup>2</sup>, na casa da mãe de Kika.

Além disso, as meninas, abaladas com toda a situação, perderam a vaga no colégio em que estudavam, por conta das notas baixas. Mas, no meio disso tudo, algo bom aconteceu. “A assessoria de imprensa que ganhou a conta da Olimpíada me chamou para ser gerente de atendimento. Eles compraram a minha empresa, e eu fui trabalhar em uma

superestrutura para atender aos jogos. Ali comecei uma melhora”, conta.

A vida amorosa também reservava uma boa notícia. Kika reencontrou um antigo namorado, que hoje é seu marido. “Fazia 35 anos que não nos víamos. No dia seguinte, ele mandou um ‘zap’: ‘Foi bom te ver’. No mês seguinte, tomamos um café e, resumindo, começamos a namorar de novo. Em nove meses, nos casamos em uma cerimônia em Miami, com vestido emprestado e buquê oferecido por uma amiga”, fala, sorrindo.

A atividade na internet também veio a partir de experiências proporcionadas pelo câncer. “Eu comecei a colocar todas as minhas angústias nas redes sociais”, revela Kika. Com essa exposição, surgiu a *hashtag* #Atitude50, com o objetivo de abordar temas ligados ao envelhecimento feminino. “Uma jornalista amiga me chamou para tomar um café e me perguntou por que eu não fazia um programa no YouTube. Primeiro, pensei que ela estava maluca, mas depois tomei coragem e vi que poderia ser uma boa ideia.”

Assim, nasceu o canal #Atitude50, no qual Kika fala sobre assuntos diversos com suas entrevistadas, que vão desde colegas de profissão, como a apresentadora da GloboNews Leilane Neubarth, até médicas e artistas. O projeto agora conta com um *talk show* em *shoppings*, fruto de parceria com a escritora Marta Medeiros, e já foi para várias partes do País. “Nunca pensei em ser influenciadora digital. Agora estou aqui, com um novo trabalho, um novo endereço, um novo marido: uma nova vida”, comemora. ■